

## A Filosofia Transcendentalista Na Obra *Into The Wild* <sup>1</sup>

Prof.<sup>a</sup> Flavia Santos Julio De Oliveira

Orientador: Prof. Dr. Cícero César Sotero Batista

**Resumo:** O objetivo deste artigo é analisar e explorar as filosofias que inspiraram o personagem Christopher J. McCandless, da obra *Na Natureza Selvagem* ou *Into The Wild*, do jornalista Jon Krakauer. Essas filosofias são denominadas Transcendentalismo, que se trata de um movimento literário que começou no início do século XIX, baseado no culto à natureza em busca da espiritualidade, do pensamento crítico acerca do indivíduo e convenções sociais. Primeiramente, será feita uma contextualização do Transcendentalismo e seus autores, aqui serão destacados Ralph W. Emerson e Henry D. Thoreau, cujos livros inspiraram McCandless: *Natureza* e *Walden*, a fim de em seguida entender as bases das ideologias e ações de McCandless. Por último, será feita a análise do filme *Into the wild*.

**Palavras-Chave:** Transcendentalismo, Henry D. Thoreau, Ralph W. Emerson, Christopher J. McCandless

**Abstract:** The goal of this article is to analyze and explore the philosophies that inspired the character Christopher J. McCandless from the book '*Na Natureza Selvagem*' or *Into The Wild* by the journalist Jon Krakauer. These philosophies are called 'Transcendentalism', that's related to a literature movement started at the beginning of XIX century, based on the cult of nature in the search for spirituality; of critical thinking about the individual and social conventions. At first, it will be done a historical contextualizing of Transcendentalism and its authors, in this search will be highlighted Ralph W. Emerson and Henry D. Thoreau, whom the books had been inspiring McCandless: *Nature* and *Walden*, they will be used for then understand the basis of McCandless ideologies and actions. At last, it will be done the analyze of the movie *Into The Wild*.

**Key-Words:** Transcendentalism, Henry D. Thoreau, Ralph W. Emerson, Christopher J. McCandless

### 1. Introdução

*Into The Wild* ou *Na Natureza Selvagem* é uma obra no estilo documentário sobre a vida e morte do jovem Christopher J. McCandless, reconstruindo sua aventura até o Alasca (local onde foi encontrado morto no ano de 1992). A obra foi baseada nos relatos de amigos que o rapaz conheceu antes e durante a viagem, no seu diário de viagem, nas fotografias, assim como na entrevista realizada com a própria família. Também compara sua história com a de outros jovens aventureiros como o próprio Krakauer.

<sup>1</sup> Artigo baseado no trabalho de conclusão de curso da mesma autora para FIC (FEUC) no primeiro semestre de 2017.

McCandless provém de uma família abastada, mas desestruturada, cujos pais procuravam compensar sua ausência e desunião presenteando os filhos com bens materiais, como é relatado no livro. Esse teria sido um dos motivos que fizeram McCandless preterir a valorização ao dinheiro e preferir o Minimalismo (filosofia presente no Transcendentalismo, a qual tece críticas ao ideário capitalista), assim como a exaltação da vida interior e do espírito, conceitos do Transcendentalismo, tendo essa sua predileção reforçada com a leitura de livros filosóficos que enalteciam tal forma de viver.

Quanto ao Transcendentalismo é uma filosofia que acredita, dentre outros aspectos que serão abordados, na divisão da realidade em matéria e espírito, não defendendo propriamente instituições religiosas, mas sim a existência de um ser superior bondoso, agradável e ligado à natureza e à simplicidade.

O desejo inerente a todo ser humano é encontrar a felicidade, a qual pode ser encontrada por meios diversos, como por exemplo, através de um emprego que garanta altos salários, obtendo posses (carros, joias; etc). No entanto, de acordo com a filosofia que será estudada, bens materiais não são garantia de felicidade, mas, ao contrário, muitas das vezes sua única utilidade é privar o indivíduo de encontrar sua real essência, a qual provém da valorização daquilo que é essencial ao bem estar e sobrevivência do ser humano, que se baseia na busca pela reflexão e pensamento crítico. Pensando assim, Mccandless enxergou na viagem ao Alasca e em todo seu percurso até lá como um meio (um caminho) para alcançar sua evolução espiritual e autoconhecimento.

A escrita transcendentalista não se preocupava tanto com a forma e com a receptividade do público; escreviam sobre temas que interessavam a sua filosofia procurando somente a exposição desta da maneira mais clara possível. High afirma que: “Os transcendentalistas tentaram achar a verdade através dos sentimentos e intuição ao invés da lógica” (HIGH, 1996). Emerson, pioneiro deste movimento literário, foi considerado o precursor da independência da literatura norte-americana, tendo Thoreau como um de seus discípulos (HOWARD, 1964).

Os escritores deste movimento literário e filosófico buscavam, desta maneira, romper com o ideário trazido ainda no período colonial americano pelos denominados “pilgrim fathers” (colonizadores puritanos). Esses acreditavam ser ‘os escolhidos’, terem um pacto com Deus, no qual Ele teria lhes prometido as terras da América, a qual seria sua “nova

Canaã” como na Bíblia. Acreditavam que a verdadeira felicidade encontrava-se materializada através da prosperidade financeira do povo (KARNAL, 2007). Essa crença foi denominada, mais tarde, no período histórico da Grande Depressão, como “o sonho americano”, reafirmando o que seria uma espécie de pré-disposição do povo americano a ser feliz e bem-sucedido (FORD, 2012). O contra discurso ao “sonho americano” é a base da filosofia transcendentalista, a qual considera que a ‘felicidade’ e ‘sucesso’ não estão diretamente ligados ao dinheiro.

Através da análise dos ideais defendidos pelo protagonista de *Into The Wild*, com base na leitura de livros de dois dos escritores favoritos de McCandless, foram apontados os seguintes pontos, que serão trabalhados nesta pesquisa: o espírito puro e revolucionário; a valorização dos elementos naturais e a importância do movimento (o caminhar), segundo a perspectiva de Emerson; a crítica ao consumismo e a exaltação ao afeto acima dos bens materiais, segundo a perspectiva de Thoreau. As obras dos escritores que foram citados estavam entre as favoritas de McCandless, o qual tinha esses textos como verdades morais puras e absolutas, como uma religião.

## **2. A Filosofia Transcendentalista Através Do Discurso De Christopher J. McCandless**

Para Emerson, na obra *Natureza*, o espírito puro e revolucionário são atributos de um homem de valor. McCandless buscava tal espírito fazendo um contra discurso a tudo que ele entendia como errado nos seus pais e sociedade; não que conseguisse alcançar tal objetivo plenamente, mas buscava a revolução na sua forma de pensar e agir; era avesso ao consumismo, capitalismo e aos preconceitos enraizados na sociedade em que vivia; valorizava o minimalismo e a companhia daqueles que estavam à margem da sociedade, (pessoas sem posição social e/ou mal vistas na sociedade, como no caso, dos hippies) respeitava o estilo de vida e escolhas de cada um, partindo do pressuposto que cada um tinha o direito de fazer o que desejasse da vida, contanto que isso não prejudicasse outras pessoas. Emerson reflete acerca do espírito revolucionário no seguinte trecho:

Na vida privada, em meio a sórdidos objetivos, um ato de verdade ou heroísmo parece atrair para si simultaneamente o céu como templo e o sol como vela. A natureza estende seus braços para acolher o homem, basta apenas que seus

pensamentos sejam de igual grandeza. [...] Um homem virtuoso vive em uníssono com as obras da natureza e se converte na figura central da esfera visível. (EMERSON, 2011, p. 15,16)

Ainda refletindo sobre as ideologias de Emerson, temos o fenômeno “espírito” e a adoração a suas representações na natureza entendidos no comportamento de McCandless. Esse era um mochileiro mesmo antes de sua última viagem em direção ao Alasca, ainda adolescente costumava sair de viagem sozinho durante as férias escolares, e ao contrário do que se esperaria de um garoto rico, tinha preferência por visitar as cidades mais inóspitas e simples do país, como as do oeste americano, as quais lhe proporcionavam um contato maior com a natureza e consigo mesmo, evitando as distrações das grandes cidades. McCandless adorava Deus através da contemplação de suas obras, assim como dizia Emerson. No filme *Into The Wild*, durante uma conversa com um desses amigos, Ronald Franz, McCandless reconhece acreditar na existência de um deus, embora não fosse praticante de nenhuma religião específica. Quanto à religião, Emerson também discorre sobre esse tema em *Natureza*, tece críticas às instituições religiosas do século XIX. Os dogmas religiosos da época, tanto na igreja católica como na puritana, tinham Deus como um ser cruel que estaria sempre pronto a punir e julgar o homem, logo, o homem era potencialmente deprimido e não enxergava no mundo a beleza que o poeta e o filósofo enxergavam. Entretanto, Emerson acreditava que a verdadeira fé não precisava de templos, mas de ‘natureza’, Deus estaria presente em todas as obras que Ele criara neste mundo. No seguinte trecho Emerson discorre sobre religião:

A lição primeira e última da religião é, "As coisas que são vistas são temporais; as coisas que não são vistas, eternas." Ela faz uma afronta à natureza. Ela faz para os incultos o que a filosofia faz para Berkeley e Viasa [...] O devoto despreza a natureza. " (EMERSON, 2011, p. 32)

Desta forma, encontra-se a valorização dos elementos naturais tanto na leitura de *Into The Wild*, e em *Natureza*, como também na leitura de *Walden*, nesse último, temos Thoreau, em várias partes do texto, discorrendo sobre suas observações da natureza enquanto acampava as margens do lago Walden, via a beleza e a ‘alma’ de tudo que encontrava, fosse uma simples rocha, um floco de neve, um casal de rãs saltando e fazendo barulho nas margens do lago, fosse o canto melancólico da coruja, o qual chamava bastante sua atenção, atentando para a forma como elas pareciam conversar umas com as outras através do canto. Detinha profundo amor pelos pássaros; fala muito deles durante toda a obra, em algumas passagens descrevia-os com detalhes (suas cores, a melodia de seu canto e seus hábitos). Em uma dessas passagens, descreve seu deslumbre ao observar, durante uma

agradável tarde de primavera, um gavião com as asas bem abertas em pleno voo: "[...] vi um gavião muito leve e gracioso, [...], mostrando a parte de baixo de suas asas, que brilhavam como uma fita de cetim ao sol ou como a madrepérola dentro de uma concha. [...]" (THOREAU, 2016, p.299). Quanto à agricultura não a considerava como apenas uma atividade monótona a fim de prover sua subsistência, mas como um meio excelente de entretenimento e contemplação da natureza.

Para Thoreau, na obra *Walden*, a base de uma família está acima de bens materiais transcendendo até mesmo o tipo de casa em que moram, se é ou não confortável ou espaçosa. Destaca que: a casa e o lar (house x home) são conceitos inteiramente distintos. Assim também acreditava McCandless, o qual não via no dinheiro e bens materiais, tão valorizados pelos seus pais, como elementos importantes a felicidade familiar, mas sim a união e a fidelidade que tanto sua família carecia. Tais ideias caminhavam na contramão do sonho americano, o que fazia com que os adeptos dessas ideias se encontrassem à margem da sociedade e se vissem incompreendidos e discriminados. A exemplo do zelo que o protagonista tinha pelo seu carro antigo, do qual não queria se desfazer, apesar da pressão dos pais para que comprasse um modelo novo. Neste exemplo, percebe-se a afetuosidade acima do consumismo e da expectativa de satisfazer uma convenção social, visto que por ser membro de uma família rica era socialmente esperado que dirigisse o carro do ano.

Em relação à aquisição de bens de consumo a fim de satisfazer uma expectativa social, Thoreau discorre sobre isso em *Walden*, em relação à moda, dado que sua filosofia não o permitia ser um apreciador de modas de qualquer espécie, tanto em relação à arquitetura, decoração e mesmo roupas. Quanto às modas ligadas ao vestuário, achava que não passavam de costumes esnobes e superficiais inventados pelas comunidades mais ricas da sociedade, as quais gostavam de criar meios de impor sua soberania sobre os demais, os quais em geral seguiam suas modas, como se não tivessem personalidade própria, suas roupas eram como uniformes, sempre feitas nos mesmos moldes, e até as cores eram padronizadas seguindo a moda mais recente provinda das cidades ricas do norte-americano (visto que as cidades do Norte eram muito mais desenvolvidas do que as do Sul). Thoreau exercia sua "revolução" em tudo que fazia, e isso incluía, obviamente, seu vestuário (o modo mais explícito de expressar no seu 'eu' externo o seu 'eu' interior). Aproveitava assim para também fazer sua crítica ao consumismo, ao dizer que não é de fato

e sensato aproveitar cada peça até seu desgaste o que faria com que sua função como vestimenta ou calçado fosse cumprida inteiramente. Como é descrito no seguinte trecho:

[...] Lembre-se quem precisa trabalhar que o objetivo de usar roupas é, em primeiro lugar, manter o calor vital, e em segundo lugar, no atual estado da sociedade, encobrir a nudez, e então avalie quantas coisas necessárias ou importantes pode fazer sem aumentar seu guarda roupa. [...] (THOREAU, 2016, p.57)

Durante suas viagens, principalmente durante os meses nos quais se encontrou totalmente sozinho no interior do Alasca, a questão do isolamento nunca foi dada como um problema, assim como não foi pra Thoreau durante seus anos de retiro as margens do lago Walden. McCandless tinha suas angústias, seus ressentimentos, mas demonstrava ser alguém cujo caráter e personalidade se mostravam bem definidas, alguém que estava sempre disposto a pensar, a criar coisas, a filosofar, a questionar, logo, parafraseando Thoreau, ainda em *Walden*, não tinha tempo ocioso suficiente para se sentir solitário, visto que suas ideias e seu caráter o preenchiam completamente. Carine discorre sobre esse atributo do irmão no seguinte trecho: “Mesmo quando éramos pequenos, [...], ele era muito ensimesmado. Não parecia precisar de brinquedos ou amigos. Podia ficar sozinho sem sentir-se solitário” (KRKAUER, 2015, p. 117)

O caminhar sozinho assim como correr era algo que McCandless apreciava. Quando adolescente participava da equipe de cross-country (corrida em terrenos abertos ou acidentados) na escola onde estudava. Para McCandless exercícios que envolviam corrida ou caminhada eram formas incríveis de libertação. Os transcendentalistas valorizavam muito essa questão do movimento, a estagnação, ao contrário, traria o mal. No trecho a seguir, tem-se um relato de um de seus amigos de equipe sobre o apreço de McCandless pela corrida:

McCandless considerava correr um exercício espiritual intenso, beirando a religião. Chris usava o aspecto religioso para tentar nos motivar, relembra Eric Hathaway [...] Dizia-nos para pensar sobre a maldade do mundo, todo o ódio, e imaginar-nos correndo contra as forças da escuridão, o muro maligno que estava tentando evitar que déssemos o melhor de nós mesmos [...] (KRAKAUER, 2015, p. 122)

Ainda sobre a questão do movimento, observa-se esse gosto de Thoreau, por caminhadas vespertinas na obra *A Desobediência Civil*. Fala do assunto com tom crítico aos seus amigos e vizinhos que viviam uma vida monótona e sedentária mesmo vivendo em uma cidade de interior, estes tinham o trabalho, seja no campo ou no comércio, como um enfado e mesmo no tempo livre não valorizavam as belezas do lugar onde viviam; aproveitavam seus dias de folga para estarem exclusivamente trancafiados dentro de suas casas. Não era

como se ele desejasse (nem o próprio vivia de tal modo) que seus vizinhos abandonassem sua lavoura, seu gado e seus casarões para viverem como os "terras santas" (andarilhos), mas acreditava que era perfeitamente possível e incrivelmente saudável para o corpo e para a mente – trazia algum tipo de "iluminação" para esta última – largar tudo de vez em quando e simplesmente sair caminhando, sem pressa, aceitando o seu papel na natureza como um mero mortal assim como as plantas e os animais.

Durante a graduação, crescia o interesse de McCandless pelos problemas político-sociais do mundo. Passou então a frequentar cursos livres sobre as áreas sociais. Nas discussões sobre política, seu senso crítico apurado era sempre evidente, procurava entender sobre os assuntos que lhe interessavam a fim de manifestar suas opiniões com confiança. No entanto, em relação às intervenções práticas na política, quando comparada às atitudes e ideias de McCandless com as dos transcendentalistas, principalmente quando se faz a análise com base na obra *A Desobediência Civil*, que tem seu foco no ato revolucionário, percebe-se que neste aspecto da filosofia Transcendentalista o protagonista de *Na Natureza Selvagem* concentra-se mais nas questões teóricas do que nas questões práticas. A seguir, Thoreau demonstra seu incomodo com a inércia de seus vizinhos em relação à necessidade de se manifestarem contra a corrupção e as injustiças do governo:

Como pode um homem se satisfazer em ter uma opinião e se deleitar com ela? [...] Se seu vizinho lhe subtrair por artimanhas um simples dólar, você não ficará satisfeito apenas em saber que foi ludibriado, [...] imediatamente você tomará medidas efetivas para reaver a quantia completa e assegurar-se de que nunca mais será tapeado. (THOREAU, 2012, p.16 e 17)

McCandless tinha seu foco mais voltado para o autoconhecimento e a evolução espiritual provindas de tal filosofia, usava-a como elemento de reflexão sobre si mesmo e os que o cercava, e media a todos, principalmente seus pais, por meio dessa mesma régua de princípios.

No filme *Into the wild*, de 2007, baseado no livro de Krakauer, a exaltação das belezas naturais do oeste-americano tem sua fotografia bem explorada, na qual se reconhece a natureza como uma espécie de segunda protagonista do enredo. As cenas de McCandless em

contra discurso ao ideário capitalista, admoestando o povo a valorizar as riquezas naturais de sua terra:

Somos provincianos porque não encontramos nossos valores em nossa própria terra, porque não veneramos a verdade, mas os reflexos da verdade, porque somos deformados e reduzidos por uma devoção exclusiva aos negócios, ao comércio, à manufatura, à agricultura e coisas do tipo, que são apenas meios e não fins em si mesmos. (THOREAU, 2012, p. 146)

As cenas de sua chegada às regiões remotas do Alasca são bastante emblemáticas. A alusão à figura do pássaro abrindo suas asas a fim de levantar voo é relativa ao sentimento de libertação, e dessa forma o filme traz essa catarse na cena em que McCandless se encontra no topo de uma cordilheira de montanhas nevadas na região do Alasca e de pé abre os braços.

Durante os quatro meses que permaneceu ali, teve a experiência de cozinhar e caçar sua própria comida, para isso utilizou as técnicas de conservação da carne que aprendera com um amigo que conhecera numa pequena cidade do oeste-americano; quanto às plantas que poderiam servir de alimento, consultava frequentemente um livro de botânica que levava consigo. Quando não cuidava de questões ligadas ao seu sustento, aproveitava o tempo livre para ler livros, escrever em seu diário, e apreciar o contato com a natureza e a sensação de liberdade diretamente ligada a isso; registrava alguns desses momentos através de fotografias. Em *Walden*, Thoreau discorre sobre seu sentimento e motivações ao decidir viver a experiência de ‘acampar’ nas margens do lago Walden durante dois anos:

Fui para a mata porque queria viver deliberadamente, enfrentar os fatos essenciais da vida e ver se não poderia aprender o que ela tinha a ensinar, em vez de, vindo a morrer, descobrir que não tinha vivido. Não queria viver o que não era vida, tão caro é viver; e tampouco queria praticar a resignação, a menos que fosse absolutamente necessário. Queria viver profundamente e sugar a vida até a medula, viver com tanto rigor e de forma tão espartana que eliminasse tudo que não fosse vida [...] se ela se revelasse mesquinha, ora, aí então divulgaria ao mundo essa mesquinha; ou se fosse sublime, iria saber por experiência própria, e poderia apresentar um relato fiel em minha próxima excursão.

(THOREAU, 2010, p. 95, 96)

Acabado o período que McCandless entendeu como suficiente ao seu retiro espiritual no Alasca decide retornar, encontrava-se orgulhoso de si mesmo por ter se permitido viver tais experiências e por tê-las vivido com total entrega na busca pelo autoconhecimento. No entanto, inúmeros contratemplos levaram-no a se encontrar “literalmente preso na natureza selvagem” como é dito ao final do filme *Into The Wild*, e em decorrência disso acaba



morrendo por inanição antes de ter a oportunidade de regressar à ‘civilização’.

A famosa frase “A felicidade só é real quando compartilhada” escrita pelo protagonista em seu diário nas últimas cenas expressaria um desejo que ele tinha não somente prestes a falecer, mas desde o momento no qual decidiu que era tempo de retornar a ‘civilização’. Seu desejo seria compartilhar com a irmã e os amigos a felicidade de ter concluído sua jornada como havia planejado (mais uma vez temos a questão do afeto). Essa felicidade parece realmente genuína, visto que, tanto em suas anotações avulsas como em seu diário e nas fotografias que tirou durante esse período, não foram encontrados indícios de que McCandless estivesse arrependido de ter se deixado guiar por seus ideais. Embora as consequências não tenham sido as esperadas, ele havia assumido o controle de sua vida quando iniciou sua viagem e cumprido seu objetivo maior: a plenitude.

### 3. Considerações Finais

Entende-se que o significado desse retiro de McCandless foi, em sua essência, uma busca pela identidade e autoafirmação comum aos jovens, marcando uma espécie de rito de passagem da adolescência para a vida adulta. No entanto, sabe-se que viver como um andarilho durante dois anos, passar por diversas privações e se expor a vários tipos de risco, incluindo a iminência de uma morte por inanição (como veio a ocorrer), não fosse um meio muito fácil ou corriqueiro de se alcançar tais objetivos, foi este o caminho que McCandless encontrou a fim de aliar seus anseios de juventude com sua paixão pela natureza, por estar em contato com ela para observá-la e realmente viver o estilo de vida de um homem simples, sem ambições materiais. Dito isto, percebe-se que McCandless foi movido pelo seu espírito idealista, o mesmo idealismo base da filosofia Transcendentalista.

FORD, Michael F. **Os mitos sobre o sonho americano**. Trad. Anna Capovilla. O Estado de S. Paulo, São Paulo: 13 jan. 2012. Disponível em:

<http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,os-mitos-sobre-o-sonho-americano-imp-,822171>

<sup>1</sup> Artigo baseado no trabalho de conclusão de curso da mesma autora para FIC (FEUC) no primeiro semestre de 2017.

Acessado em: 2 mai. 2017.

HIGH, Peter B. In: \_\_. “An American Renaissance”. **An outline of american literature**. Longman, 1996.

HOWARD, Leon. **A Literatura Norte-Americana**. São Paulo: Cultrix, 1964, p. 235.

**INTO the wild**. Direção: Sean Penn. Produção: Sean Penn: Square One C.I.H. Linson Film, 2007.

KARNAL, Leonardo et al. **História dos Estados Unidos**: das origens ao século XXI. São Paulo: Contexto, 2007, p. 46-53.

KRAKAUER, Jon. **Na natureza selvagem**. 21ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

THOREAU, Henry David. **Walden**. Porto Alegre, RS: LPM, 2010.

\_\_\_\_\_. **A desobediência civil**. São Paulo: Companhia de Letras, 2012.